



## MESA 3

### A ATUALIDADE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

#### MARCOS COSTA LIMA

É uma honra estar nesta mesa e agradeço o convite a Rosa Furtado e ao Pedro de Souza. Para a Universidade Federal de Pernambuco é uma alegria receber este seminário Internacional, e também é ocasião para dizer a todos aqui, muito brevemente, do excelente trabalho que está sendo conduzido pela Rosa e pelo Pedro no Centro Internacional Celso Furtado. Quem for ao Rio de Janeiro pode visitar o Centro no subsolo do prédio do BNDES, com direito a conhecer a biblioteca Celso Furtado, inaugurada recentemente. É a biblioteca pessoal de Celso Furtado. Esta é uma homenagem particular a Rosa, que vem se empenhando para que o Centro não fique confinado à discussão que se processa sobre o desenvolvimento, apenas, digamos, no “Triângulo das Bermudas”, mas que também venha ao Nordeste.

Ano passado, a Rosa e o Pedro organizaram três seminários: um aconteceu aqui no Recife, o outro na Paraíba e o terceiro em Fortaleza. Deste último pude participar e apresentei um trabalho publicado pela editora Contraponto,<sup>1</sup> no qual discuto as concepções de Celso Furtado sobre tecnologia e subdesenvolvimento.

No *site* do Centro Celso Furtado vocês vão encontrar uma série de trabalhos, e também os *Cadernos do desenvolvimento*, e todos estão ali na íntegra e podem ser “baixados” com facilidade. Meus estudantes vêm fazendo um excelente uso desse material tão rico. Não são apenas os documentos escritos por Celso, mas

---

<sup>1</sup> Revisitando a teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado. In: *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, p.113-128.

também análises de projetos apoiados pelo Centro – inclusive (para finalizar essa pequena propaganda do Centro, do qual tenho a honra de ser membro), o Centro também está fazendo uma seleção para o oferecimento de bolsas de mestrado e de doutorado que têm sido muito aproveitadas pelo Brasil afora.

Esta mesa que presido tem um caráter muito particular. Nós tivemos, pela manhã, uma mesa mais nostálgica, como aquela em que o Chico de Oliveira, depois uma mesa com um certo tom de “dá certo”, um título da lavra da querida Tania Bacelar e que, como disse o Jair do Amaral, dá certo em termos. Esta mesa que abre a tarde se inicia pela discussão do desenvolvimento regional num contexto mais macro, que lida com a dimensão mais internacional das regiões mundiais. Sei que o papel de um coordenador de mesa é muito mais de mediação dos temas e reflexões apresentadas por cada um dos expositores e, sobretudo, ele não deve falar muito, mas antes de passar a palavra para os nossos convidados, dois dos quais não brasileiros, gostaria de dizer umas poucas palavras que, talvez, possam trazer alguns elementos que venham a ser aproveitados na intervenção dos professores e no debate que seguirá.

Em primeiro lugar gostaria de fazer uma referência a um economista que sempre foi muito pouco citado no Brasil e na América Latina: o economista do desenvolvimento inglês Dudley Seers. De um artigo seu de 1963, intitulado “Os limites do caso especial”,<sup>2</sup> extraí dois trechos muito lúcidos e que dizem o seguinte: “A economia parece muito lenta na sua adaptação às exigências de sua principal tarefa no presente, que é a eliminação da pobreza aguda na África, na Ásia e na América Latina”. E depois dessa constatação, ele faz uma pergunta importante, que acho que pode inspirar a mesa, pois é disto que ela trata: “Será que o corpo teórico existente consegue explicar o que precisa ser explicado e pode oferecer ajuda politicamente essencial?”. Esta é a grande pergunta que Dudley Seers estabeleceu.

Ele, ainda, em tom jocoso mas sério, cita um teórico das relações exteriores que muito aprecio, Edward Carr.<sup>3</sup> E diz o seguinte, citando-o: “Antes de estudar economia, estude o economista. E antes de estudar o economista, estude o meio histórico e social”.

<sup>2</sup> SEERS, D. Os limites do caso especial {1} {Publicado pela primeira vez no *Boletim* do Oxford Institut of Economics and Statistics, da Universidade de Oxford, edição de Basil Blackwell Publisher (nº. 25, 2, maio de 1963). Tradução de Paula Lima e Artur J. Castro Neves para a *Revista de História & Ideias*. Porto: ed. Afrontamento, 1978, nº. II.}

<sup>3</sup> CARR, E. H. (1892-1982). Historiador inglês, de esquerda, tornou-se um teórico das relações internacionais como um dos fundadores da escola realista. Escreveu nesse campo um livro clássico, intitulado *Vinte anos de crise*, 1919-1939, traduzido para o português pela Editora da Universidade de Brasília em 2001.

Com essas frases de Dudley Seers e de Edward Carr, a minha humilde contribuição para esta mesa é a seguinte: vivemos num País que no pós-guerra fazia o que a China está fazendo hoje, e em parte também, com menos intensidade, a Índia. O Brasil, nos anos 1950, 1960 e 1970, chegou a ter taxas de crescimento industrial de 12%, e na média de todos os setores, taxas de 8% durante anos a fio. Não obstante todo esse crescimento chamado de “Anos gloriosos”, em plena economia keynesiana de pleno emprego, gerou-se internamente uma série de deficiências, deformações provocadas pelo capitalismo. Essas deficiências, essas deformações, que o professor Amit Bhaduri aqui ao meu lado chama de “desenvolvimento predatório”, fizeram com que o Brasil se modernizasse, criando o seu parque industrial, e alcançando o passo da segunda revolução tecnológica, mas com profunda desigualdade social e concentração de renda, que terminou se fundindo ao nosso passado escravista, de governos autoritários, oligarquias etc. Isso tudo vem se somar, enquanto problemas, ao longo do tempo e vem bater às portas do presente.

Pois bem, tivemos esse crescimento, que foi interrompido em certa medida (pelo menos na sua forma) em 1964, num episódio que abriu um processo em toda a América Latina de regimes autoritários. Estes regimes autoritários são aqueles que vão facilitar a punção que o capitalismo central faz nessas regiões, estendendo-se até o governo Geisel no Brasil. Mas a diferença é que, nessa segunda fase, o Brasil, os países da América Latina e outros em desenvolvimento, como o México, fizeram seu desenvolvimento a partir de poupança externa internacional. E esse quadro sofre uma alteração radical nos anos 1980, após os choques do petróleo e o aumento do valor do dólar, fazendo com que o fluxo maior da moeda hegemônica fluísse para os Estados Unidos. Para o Brasil, para a nossa economia – que crescia com poupança externa, com o aumento da taxa de juros –, mas também para todos os países periféricos que se enlacram numa dívida externa, será um desastre de grandes proporções, pois passamos a ter de gerar grandes excedentes de exportação para enfrentar a rolagem da dívida sem sequer tocar no principal. Essa alta do dólar vai alterar a configuração desses países, que terão como resultado, ao longo dos anos 1980, 1990 e até hoje, um processo de perda de soberania e atrelamento aos controles do FMI e do Banco Mundial, que aplicavam, impiedosamente, suas receitas monetaristas.

O Brasil constrói uma indústria, faz uma transição campo-cidade radical, com um processo de acumulação primitiva de uma violência inaudita. Em 1950 o Brasil tinha não mais que 70 milhões de habitantes; hoje temos uma

população quase três vezes superior. Expulsamos a população para os meios urbanos sem nenhuma infraestrutura, sem cuidado, e é a isso que chamo de processo radical de acumulação primitiva, que espero seja aprofundado pelo nosso convidado indiano. Sobretudo porque, no contexto da mundialização atual, tanto a China como a Índia são países que ainda não fizeram essa transição. E isso faz diferença. A Índia tem mais ou menos 66% da sua população vivendo no campo, nem todos trabalhando na agricultura, mas vivendo em pequenas aldeias. E a China, uns 50%. Praticam uma política de abertura e uma política neoliberal, mas diferenciadas das que o Brasil praticou. Mas, de qualquer forma, elas têm tido efeitos perversos sobre a sociedade nos dois países.

Assim, além da dívida externa, que ficamos pagando durante anos, protelamos os investimentos necessários à educação, à saúde e até mesmo às infraestruturas tão fundamentais que foram feitas no período Vargas, mas foram abandonadas no governo Juscelino. E mais do que isso, o Estado também sofreu um processo de dilapidação e sucateamento, já que o neoliberalismo ditava que o mercado por si só era capaz de equacionar os problemas econômicos. A máquina pública foi apresentada como ineficiente e gastadora. Felizmente, a partir do governo Lula tem havido um esforço de recomposição do perfil do Estado. Inclui-se nisso também o processo de dilapidação das universidades federais, que nós bem conhecemos, ampliado radicalmente no governo de Fernando Henrique Cardoso. Esse é um outro esforço que o atual governo está fazendo, criando universidades públicas longe do litoral. Já dizia Jacques Lambert – que na década de 1950 escreveu *Dois Brasis*, um livro que ficou célebre e faz parte da coleção Brasileira – que o Brasil era uma “sociedade de caranguejos” que não saía do litoral. Então, toda essa política de formação de quadros de profissionais no interior do País é fundamental. Nesse sentido, eu gostaria até de discordar um pouco do Luiz Felipe de Alencastro, em sua conferência de abertura ontem à noite, sobre a questão da centralidade do Rio de Janeiro, porque não foi pouca coisa construir Brasília, visto que ela empurra o Brasil para o interior.

O que eu quero destacar neste momento é que, justamente nos anos 1980, quando a Europa, os EUA, o Japão e um pouco a Coreia estavam fazendo a sua reconversão produtiva (ou técnico-produtiva), nós estávamos endividados. Por isso, no mundo que vai surgir ao final dos anos 1980 – o mundo da *flex specialization* (como eles a intitulam) ou do *pós-fordismo* –, nós aqui estávamos numa região, a América Latina, completamente depredada pela punção do grande capital. Saindo desse processo, tivemos a recuperação, é verdade, do

processo democrático, que foi extremamente importante. A América Latina está fazendo bonito nesse aspecto (salvo o caso de Honduras, recentemente). Mas são mais de 20 anos de processo democrático em todo o subcontinente, o que é fundamental para o mundo contemporâneo.

Pois bem, saímos dos regimes autoritários e entramos no Consenso de Washington. Entramos também numa, digamos, política neoclássica, numa “política do equilíbrio” completamente falsa! Porque, na verdade, o que dizem os economistas positivistas é a economia se resolve no mercado, e que este resolve todos os nossos problemas, o que não é verdade. As crises se aprofundam. Nós passamos a praticar essa política neoliberal à risca, o que aprofundou, evidentemente, o processo de desigualdade, de concentração de renda em toda a região.

Hoje estamos vivendo um dilema. O capitalismo já mostrou a que veio, sobretudo esse capitalismo financeiro que exerce uma violência muito grande. Esse capitalismo que vem de crise em crise, desde aquela da Malásia em 1997, hoje tem um elemento que lhe é inerente e vem conjugado a esse processo, que é a aceleração de uma utilização irracional dos recursos naturais, o que vem gerando grandes impactos na estrutura física do planeta. O conceito de *desenvolvimento sustentável* foi apontado e pintado como capaz de criar um capitalismo com face humana. Mas na verdade a pintura foi com “cores muito fortes”, foi uma forma de o capitalismo novamente se apropriar de um conceito que chamava a atenção para uma situação muito grave da estrutura física do planeta. Toda essa articulação do capital financeiro com a NASDAQ, com a nova economia, exige que o sistema produza em nível de capital intensivo e com obsolescência programada, ao tempo em que enxuga a mão de obra. Muita tecnologia, capital intensivo, e criando um padrão em escala mundial, jogando com todo o mundo. Mesmo na periferia, quando as multinacionais começam a transferir suas empresas para lá, essas empresas chegam incorporando muito pouca mão de obra. Mas se pensarmos no capitalismo dos anos 1970, nos tempos da economia de um John Kenneth Galbraith, o sistema produtivo era um sistema comparativamente muito mais generoso do que o sistema predatório das finanças e da acumulação da hegemonia financeira atual.

Vou concluir dizendo o seguinte: nós temos no País uma tradição forte – na economia, na sociologia, nas ciências sociais, na política – de discussão sobre o *desenvolvimento*. Essa discussão tem, inclusive, já os seus primeiros aportes antes do fim da Segunda Guerra Mundial, quando Michal Kalecki, Rosenstein-Rodan e outros já estavam pensando sobre o futuro, o que seria a Europa oriental antes

de ela ter sido demarcada pela União Soviética. E depois, nós temos a contribuição de uma série de autores que numa vertente ou noutra constróem para nós uma reflexão, talvez do ponto de vista teórico a mais importante que já tivemos para a região. Não só para o Brasil, mas para toda a região. A Cepal de Prebisch foi um norte para a região; hoje ainda é uma instituição importante, mas que fez concessões ao jogo da globalização.

E o que é mais chocante disso tudo é que, após a tremenda crise da *subprime*, da especulação imobiliária que tomou conta do mundo afluente e estourou em agosto de 2008, os grandes líderes das potências centrais se reuniram em Londres e saíram com uma resolução pífia: rearticulação do sistema por meio da recomposição do Fundo Monetário Internacional, que foi exatamente um dos organismos centrais no processo de predação.

Nunca foi tão importante para a intelectualidade que se sente responsável – e está envolvida nas lutas sociais com os movimentos que buscam soluções mais generosas em termos de diminuição da pobreza e de políticas sociais inclusivas, e tem essa preocupação com os destinos do País, sobretudo quanto ao bem-estar da maioria da população – buscar novas alternativas para um sistema que já se mostrou completamente inadequado para um projeto de humanidade melhor e mais equânime.

Desculpem, me alonguei demais, mas agora vou passar a palavra para o professor Amit Bhaduri. É necessário dizer umas poucas palavras sobre ele. Ele se doutorou em Cambridge nos anos 1960 e foi aluno da professora Joan Robinson, que é um nome importantíssimo para a economia política e a teoria econômica. E saiu de Calcutá. Hoje é professor na Universidade Jawaharlal Nehru, em Delhi, que congrega um conjunto muito amplo de intelectuais, economistas, cientistas sociais, antropólogos extremamente críticos. Publicou uma obra imensa. Eu queria lembrar a vocês um “pequeno grande livro” que o professor Bhaduri publicou recentemente, *Desenvolvimento com dignidade*. Quando o li, imediatamente me pareceu uma resposta direta ao professor Amartya Sen, que escreveu um livro intitulado *Desenvolvimento como liberdade*. A partir daí, procurei outros artigos do professor Bhaduri sobre *desenvolvimento predatório*, nos quais ele faz uma crítica muito aguda dos malefícios do capitalismo na forma como vem se processando. Ele frequentou, como visitante, universidades de alto nível na Áustria, Itália, México, Alemanha. Também esteve no Kerala CDS (*Centre for Development Studies*). Por tudo isso, professor Bhaduri, é uma grande satisfação tê-lo entre nós! Tenha a palavra, por gentileza.